

TRADUZO OU NÃO
TRADUZO ERROS
LINGUÍSTICOS?
REFLEXÕES SOBRE
TRADUÇÃO E ÉTICA DA
TRADUÇÃO EM *FLOWERS
FOR ALGERNON*

*Should I translate linguistic
mistakes? Reflections of
translation and translation
ethics in Flowers for Algernon*

Letícia Yukari Iwasaki Kushida

Resumo: Com a mudança do olhar sobre a história, a cultura e a sociedade proposta pelas reflexões pós-estruturalistas e pós-colonialistas, o modo de observar e estudar a tradução também tem sofrido mudanças, deixando de ser considerada uma atividade mecânica de transposição de sentidos e ganhando destaque como uma posição privilegiada de leitura e que demanda responsabilidade por parte do tradutor por sua função política e ideológica. Fundamentado em tais concepções, o objetivo deste artigo é refletir sobre o ato de traduzir e suas implicações éticas. Tal exercício será feito a partir da análise e tradução de alguns trechos do romance *Flowers for Algernon* (1967), de Daniel Keyes, a fim de investigar alguns problemas de tradução que colocam em questão a ética da tradução e propor a tradução como performance.

Palavras-chave: tradução, ética da tradução, *Flowers for Algernon*, tradução como performance.

Abstract: *As the way of looking at history, culture and society has changed by post-structuralist and post-colonialist reflections, the way of observing and studying translation has also changed. It is no longer considered a mechanic activity of meaning transposing, becoming a spotlight as a privileged position of reading and which demands responsibility from the translator because of its political and ideological function. Based on such concepts, the objective of this paper is to reflect on translation act and its ethical implications. Such reflections will be made from the analysis and translation of some excerpts of the novel Flowers for Algernon (1967), from Daniel Keyes, in order to investigate some translation problems which call translation ethics into question and propose translation as performance.*

Keywords: *translation, translation ethics, Flowers for Algernon, translation as performance.*

1. Introdução

A tradução é comumente definida como um processo de transposição de significados e significantes entre (normalmente, duas) línguas. O reconhecimento de que lidar com línguas é também lidar com culturas fez com que se admitisse a existência de diferenças linguísticas de certa forma intransponíveis – o que vale tanto para a língua a traduzir quanto para a língua que traduz e razão do fato de haver sempre perdas e ganhos de sentido nas similaridades e distinções entre as línguas. Todavia, observa-se que essa perspectiva parte do ponto de vista linguístico segundo o qual o tradutor é ao mesmo tempo o indivíduo que faz a transposição de sentidos e que procura “suavizar” as “defasagens” linguísticas no processo de transposição para que não haja (muita) perda de sentido na tradução, dando a impressão de que a tradução é um trabalho secundário e de “condição ancilar” (BERMAN, 2002, p.15).

Aos poucos, com as reflexões pós-estruturalistas e pós-colonialistas que configurariam a revisão dos conceitos existentes sobre história, cultura e sociedade, abriram-se possibilidades de observar e estudar a tradução não como um processo mecânico que apresenta problemas linguísticos a serem resolvidos, mas estudar o movimento tradutório em si, colocando a tradução numa posição privilegiada de leitura e atentando para a função política e ideológica do papel da tradução e do tradutor sobre as culturas. Partindo de tais concepções, este trabalho tem como objetivo refletir sobre o ato de traduzir e suas implicações éticas. Para tanto, trago para a análise o romance *Flowers for Algernon* (1967), do escritor estadunidense Daniel Keyes, que trabalha com a problematização do preconceito social articulado pelo uso da linguagem, propondo para a sociedade estadunidense da década de 1960 uma reavaliação das relações de poder inerentes à língua.

2. Algumas considerações sobre tradução e ética da tradução

Aparentemente, é pacífico e transparente pensar na tradução como transposição de significados e significantes de uma língua para a outra, mas se pensarmos na tradução como uma forma de reescritura de um texto original (BASSNETT; LEFEVERE, 2007), isso envolve reconhecer que há manipulação na reconstituição de um texto, por mais que se afirme que a intenção é dar primazia à “fidelidade ao texto original”. Ainda que conheça e consiga pontuar as interferências

socioculturais, o tradutor não pode ter controle sobre suas próprias posições ideológicas. Ao tratar da tradução como reescritura e, conseqüentemente, como um ato de manipulação da literatura, Lefevere afirma que

a tradução é a forma mais reconhecível de reescritura e a potencialmente mais influente por sua capacidade de projetar a imagem de um autor e/ou uma (série de) obra(s) em outra cultura, elevando o autor e/ou as obras para além dos limites de sua cultura de origem [...]. (2007, p.24-25)

Traduzir, portanto, e especificamente no que se refere ao texto literário, implica lidar constantemente com escolhas que definem uma leitura da obra de um autor. Ao reconhecer esse fato, também se observa que há uma resistência que toda cultura apresenta em relação à tradução – uma resistência, segundo Berman (2002), oriunda de um desejo inconsciente de toda cultura em querer ser autossuficiente para sobressair a outras e apropriar-se de seu patrimônio. Dessa maneira, a “visada da tradução” apresenta um caráter violento pelo fato de ela “abrir no nível da escrita uma certa relação com o Outro, fecundar o Próprio pela mediação do Estrangeiro” (BERMAN, 2002, p.16).

A constatação do ato de violência na tradução assusta, e é combatida pela visão aparentemente pacifista sobre a tradução, afirmando que esta deve ser contida em respeito ao texto original. Ora, ao encobrir o caráter violento inerente a toda tradução, tal perspectiva (não somente seguida por alguns críticos de tradução como pelos próprios tradutores) acaba correndo o risco de praticar outro tipo de violência, que é o de ocultar o fato de que há línguas e culturas em jogo além de se escamotear, apagar e deixar o tradutor à margem, subserviente à figura do autor, tornando sua atividade secundária e marginalizada, constatação que estudiosos como Arrojo (1993) e Venuti (1995, 2002) já sublinharam em seus trabalhos.

Considerar o tradutor sujeito que participa de maneira efetiva na transformação e produção de significado faz-nos refletir sobre a questão da ética na tradução, admitindo que o tradutor exerce determinada influência sobre o texto traduzido e que há um caráter violento inerente à sua prática; caráter que não deveria ser contestado, mas investigado, como propõe Rajagopalan (2000), ao destacar a tradução como transgressão no espaço pós-colonial e o papel do tradutor como sujeito que participa da constituição de um povo.

Para Berman (2002), a visada ética da tradução, teoricamente, seria aquela que defendesse a própria visada da tradução, ou seja, o seu caráter aberto, mestiço, não-etnocêntrico,

descentralizado, definida por aquilo que a desconsideraria como tradução ética: a “ética negativa” – ou seja, os valores ideológicos e literários que tendem a desviá-la de sua visada. Ainda segundo o teórico, se a resistência cultural é tão forte a ponto de agir tanto no plano do consciente como do inconsciente, uma orientação que reconhecesse a essência opositiva da tradução não bastaria, sendo necessário associar à visada ética da tradução um exercício de “autoanálise” do tradutor, em que se faça a reflexão sobre seu entendimento sobre língua, ideologia, literatura (conhecimentos literários) e do psiquismo do tradutor.

O fato de haver um compromisso com uma ética na tradução faz-nos pensar na tradução como uma promessa, uma promessa de que se cumprirá (ou não) com tal ética. É como ato, como performance, entendida no sentido de ato *performativo*¹, que Derrida (1985) entende a tradução. Assim como todo dizer é um fazer, cujo julgamento não pode ser baseado nas categorias de verdadeiro ou falso, mas no sucesso ou insucesso de cada ato, a tradução também só poderia ser julgada como feliz ou infeliz. Contudo, se a tradução é feita como uma promessa, para Derrida,

[...] o acontecimento de uma tradução, a performance de todas as traduções, não é o sucesso - uma tradução nunca tem êxito, não no sentido puro e absoluto do termo -, o sucesso de uma tradução é a promessa do sucesso, a promessa da reconciliação. [...] Uma boa tradução é uma tradução que realiza esse performativo que chamamos promessa, quer dizer, através da tradução vê-se anunciar uma reconciliação possível entre as línguas. (1985, p.17)

No contexto aqui delineado sobre tradução, o papel do tradutor e a ética da tradução como promessa é que me proponho a refletir sobre a tradução de alguns trechos de *Flowers for Algernon*.

3. *Flowers for Algernon* e aspectos de sua linguagem

Embora o romance de ficção científica *Flowers for Algernon* tenha sido primeiramente publicado há mais de quatro décadas, sua repercussão foi tão grande que continua a ser lido e estudado nas escolas dos Estados Unidos e pelo mundo afora, tendo sido publicado em 30 países e traduzido para 27 línguas (HILL, 2004). Narrado em primeira pessoa do singular, expõe o relato diário de um homem com deficiência mental que se voluntaria a passar por um experimento para elevar o grau do quociente de inteligência.

¹ Ato performativo, segundo Rajagopalan (2010), como referência ao que propõe J. L. Austin em *How to do things with words*.

A obra, vencedora de dois importantes prêmios norte-americanos de literatura de ficção científica, chegou a entrar na 43ª posição dos 100 livros mais contestados entre 1990 e 1999 nos Estados Unidos no levantamento realizado pela American Library Association (2011). De acordo com o relatório que a associação enviou ao Office of Intellectual Freedom, os três principais argumentos levantados para fazer objeção aos livros então publicados foram: 1. Material considerado “sexualmente explícito” [*sexually explicit*]²; 2. Presença de “linguagem ofensiva” [*offensive language*]; 3. Material “impróprio para qualquer faixa etária” [*unsuited to any age group*]. No caso de *Flowers for Algernon*, a polêmica pode ser vista em torno das reflexões acerca do despertar do desejo sexual da personagem: à medida que seu quociente de inteligência se eleva, ele passa a ter consciência desse desejo. Além desse tema, a própria linguagem, que constitui o recurso discursivo da obra e se transforma ao longo da narrativa, aborda outro tema presente: o poder que se manifesta na linguagem e através dela.

Utilizando um recurso narrativo que chamou de “*progress reports*”, Keyes discute a questão dos níveis hierárquicos discursivos da linguagem, tratados na obra como um indicador do grau intelectual, como um fator que distancia as pessoas umas das outras. Por meio da representação linguística da personagem, o autor mostra como se manifestam na língua a exclusão e o preconceito social. No decorrer da narrativa, essa representação linguística passa por transformações que indicam a elevação e o declínio do grau de quociente da personagem. É possível reconhecer ao menos quatro formas distintas da linguagem da personagem no desenrolar do romance, sendo ela caracterizada no início e no final pelas construções frasais simples, a evidente falta de pontuação, os erros de concordância verbal, os erros de ortografia e alguns traços da linguagem oral informal. Abaixo, cito um trecho para ilustrar essa linguagem:

progris riport 2--martch 4

I had a test today. I think I faled it and I think mabye now they wont use me. What happind is I went to Prof Nemurs office on my lunch time like they said and his secertery took me to a place that said psych dept on the door with a long hall and alot of littel rooms with onley a desk and chares. And a nice man was in one of the rooms and he had some wite cards with ink spilld all over them. He sed sit down Charlie and make yourself cunfortible and rilax. He had a wite coat like a docter but I dont think he was no docter because he dint tell me to opin my mouth and say ah. (p.1-2)

² Todas as traduções não indicadas nas referências são minhas.

Os erros linguísticos que evidenciam a linguagem do personagem lembram os erros cometidos por crianças com dificuldade na aprendizagem da escrita. Em *Algernon, Charlie, and I*, Keyes (1999, p.89-90), que lecionou gramática e desenvolvimento da escrita para estudantes considerados com grau baixo de quociente de inteligência, relata sua experiência com a questão da dificuldade que as crianças tinham com a escrita e a humilhação que sentiam por serem alocadas em turmas especiais e assistirem às “*modified classes*”. Assim, é possível notar que a linguagem da personagem moldada nas páginas iniciais do romance é baseada na dificuldade de aprendizagem da escrita da criança, que pode ser de naturezas diversas, pois a narrativa é dada pela voz do protagonista Charlie, um homem, adulto, com problemas de aprendizagem similares aos das crianças e também com problemas de memória.

Se pensarmos nos estudos reais de aquisição de linguagem e de escrita, lembramos as teorias representacionistas que discutem o processo de alfabetização e que afirmam que a criança constrói a escrita como representação da fala (VYGOTSKY apud BORGES, 2010, 2011); nesse caso, o problema de Charlie estaria nessa passagem da fala para a escrita e, portanto, em uma dificuldade de aquisição da escrita. Todavia, se pensarmos na alfabetização como um fato linguístico em que o universo discursivo é fator determinante tanto da fala quanto da escrita do sujeito que faz parte desse universo – como propõem os pesquisadores que questionam a visão da linguagem como representação –, é possível observar as transformações gráfico-textuais na escrita como “efeitos do funcionamento linguístico-discursivo” (BORGES, 2010, 2011, p.125).

Embora o romance seja uma ficção científica, a proposição acima abre portas para uma reflexão sobre a linguagem que Keyes modela para dar voz ao seu personagem como uma representação desse funcionamento linguístico. E é através de tal representação que o autor faz uma crítica ao universo discursivo que é construído na obra.

Apesar da repercussão que a obra teve ao redor do mundo, não há dados que comprovem uma publicação em português. As possíveis causas para a ausência de uma versão em português serão discutidas em outro trabalho. Em vez de tomar a discussão por esse lado, propomos um exercício da tradução de alguns trechos para refletir sobre o ato de traduzir.

4. A tradução de erros linguísticos e o medo do erro de tradução

Se os erros linguísticos no texto em uma língua já se evidenciam por si, como “encobri-los” numa tradução? Ou não encobrimos? A tradução de um erro linguístico implica um erro de tradução? – são perguntas que um tradutor faria ao deparar com “originais” que contêm erros linguísticos dos mais variados tipos distribuídos por todo o texto. Todavia, num texto em que o erro linguístico é um aspecto essencial e que, portanto, constitui a escrita desse texto, a única proposta viável seria restituir esse aspecto na tradução. Tal caso é observado em *Flowers for Algernon*, em que o erro de escrita é o aspecto que indica a deficiência intelectual do narrador-personagem e a variação do grau de incidência dos erros observada na escrita é o indicador do grau de quociente de inteligência do personagem. Portanto, o desafio estaria na forma de traduzir tais erros, considerando os erros que ocorrem na língua inglesa e analisando os que ocorrem na língua portuguesa.

Vejamos o trecho a seguir:

‘Then Dr Strauss said Charlie even if this fales your making a grate contribyushun to sience. This experimint has been successful on lots of animils but its never bin tride on a humen beeing. You will be the first.’ (p.8)

Considerando a semelhança entre a linguagem desse trecho e os erros linguísticos apresentados pela criança com dificuldade na aprendizagem da escrita, uma possível tradução para o trecho seria:

‘Entao o dr Strauss disse Charlie mesmo que isso fale voce fara uma grade contribuissao para a siencia. Esse esperimento deu certo em varios animais mas nunca foi testado nun ser umano. Você será o primeiro.’

Assim como no trecho original, manteve-se na tradução a ausência de pontuação e o ponto final foi usado somente para fechar o período das frases declarativas. Outro aspecto que se tentou reproduzir foi o erro classificado como “representações múltiplas” nas pesquisas que estudam os transtornos de aprendizagem e a dislexia (ZORZI, CIASCA, 2008), em que as alterações ortográficas não são decorrentes de uma inadequação nas ligações entre fonemas e grafemas, mas de uma inadequação no uso das regras contextuais, gramaticais ou etimológicas pela confusão na combinação de grafemas que podem ter o mesmo fonema (como as alterações em inglês: “fales”,

“grate”, “contribyushun”, “sience”, “bin”, “humen beeing”. Em português, explorou-se esse tipo de erro em “contribuissao”, “siencia”, “esperimento”, “nun”, “umano”).

Uma característica que possivelmente seria peculiar à tradução em português (e também às traduções de línguas de origem latina) seria marcá-la com a falta de acentuação gráfica nesse trecho e em outros em que se observa frequentes erros de escrita. Sendo a ortografia “produto de uma convenção social” (BARONAS, 2009), a falta de acento gráfico não só indicaria a deficiência intelectual do personagem, mas também sua incompatibilidade com tal convenção. Além da diferença do aspecto visual, também causaria um estranhamento implícito na sonoridade das palavras grafadas com o acento para o leitor.

Observando o trecho original, o único período que não contém erros linguísticos é o último. Além disso, o fato de o verbo “will” não estar contraído chama a atenção para uma leitura mais pausada. A ausência de erros linguísticos nesse período faz com que pareça haver uma legitimação do discurso do personagem Dr. Strauss na “voz” do protagonista-narrador. Assim, minha opção foi por evitar a representação do erro nesse trecho.

5. É possível traduzir sendo politicamente correto em *Flowers for Algernon*?

No decorrer do romance, palavras como “dumb”, “moron” e “retarded” aparecem com frequência na narração e no discurso dos personagens para referir-se ao protagonista. A partir do momento em que se descarta a neutralidade da língua, deixa-se de considerar também a neutralidade dos sujeitos. Consequentemente, os próprios vocábulos, a estrutura e a entonação passam a carregar sentidos culturais e políticos que vão sendo absorvidos no decorrer do tempo.

Ao contextualizar o panorama histórico-social da época em que *Flowers for Algernon* foi lançado, Hill (2004) chama a atenção para a questão da falta de conscientização quanto ao preconceito linguístico da época e o uso deliberado de palavras como “moron” e “retarded” até mesmo por instituições científicas:

Deve-se observar que, apesar do reconhecimento dos direitos das pessoas com deficiência mental nessa época, frequentemente faltava uma postura politicamente correta. Por exemplo, numa resenha sobre o livro na Times Literary Supplement, referem-se a Charlie como um “retardado” [moron] (“Making up a Mind” 1966), o qual era um termo comum usado para referir-se aos mentalmente incapacitados, e mesmo com base científica, era a classificação oficial para pessoas com um QI entre 50 e 69. (2004, p.6)

Embora o politicamente correto soe como um movimento que visa a uma maior conscientização sobre o cuidado que se deve ter ao utilizar palavras e expressões para evitar os preconceitos, ele tem origens políticas e ideológicas. De acordo com Avelar (2011), o termo ganhou força nos Estados Unidos durante os eventos que ficaram conhecidos como “guerras culturais” nos anos 1980 e 1990. Resultado de uma tática adotada pela ala conservadora, o politicamente correto instaurou-se com o protesto em relação à aprovação de uma proposta de substituição de *um* dos cursos de cultura ocidental da universidade de Stanford por *um* curso intitulado *Culturas e valores*, em que a leitura de textos “não-ocidentais” – como os do psiquiatra e ensaísta antilhano de ascendência africana Frantz Fanon e da ativista indígena guatemalteca Rigoberta Menchú – fazia parte da grade do curso.

A imprensa, que acompanhava de perto o processo de abertura desse curso, polemizou anunciando de forma exagerada tal substituição, dedicando blocos de seus programas para cobrir de perto a “eliminação da cultura ocidental” e o “assassinato de Shakespeare e Platão” nas universidades norte-americanas (AVELAR, 2011). A partir desse evento, instaurou-se pela ala direitista um “suposto autoritarismo policialesco da esquerda no uso da linguagem” (AVELAR, 2011) cujo policiamento abrangeria palavras e expressões que se referissem à classe, raça, gênero, orientação sexual, nacionalidade, incapacitação e outros marcadores de subalternidade.

Segundo Lind (2000), o uso do politicamente correto tornou-se um fato alarmante que evidencia a transformação dos Estados Unidos em um Estado ideológico, manipulado pelo poder do Estado. Ele alerta para a intolerância gerada pelo ideário do politicamente correto que tem radicalizado o policiamento da utilização da linguagem e tem ameaçado a liberdade de expressão e cultura norte-americanas.

No Brasil, a ideologia do politicamente correto advinda dos Estados Unidos tem circulado pelo país e houve tentativas de tentar incorporá-la ao discurso da política e da imprensa brasileira. Apoiada pelo governo federal, uma cartilha intitulada *Politicamente correto e direitos humanos* (2004) foi produzida, mas a crítica (AVELAR, 2011; NETO, 2011) chama a atenção para o fato de que seguir o politicamente correto promove um policiamento que tende a virar uma forma de repressão maniqueísta no Brasil também.

Feitas tais considerações, é importante ressaltar dois pontos: 1) a leitura que se tinha de *Flowers for Algernon* na década de 1960 passou por transformações ao longo do tempo, de modo que, com ideologias como o politicamente correto se instaurando na mentalidade norte-americana,

justifica-se o fato de o romance ter entrado na lista dos 100 livros mais contestados da American Library Association entre 1990 e 2000; 2) ao traduzir o romance para o português, acaba se tornando indispensável refletir sobre uma tradução que poderia ser considerada ética.

Para fazer tal reflexão, trago o trecho abaixo, que se refere a uma passagem no romance em que o personagem passa a ser discriminado por seus colegas de trabalho não mais pela deficiência mental, mas por ter se tornado mais inteligente do que eles:

‘It had been all right as long as they could laugh at me and appear clever at my expense, but now they were feeling inferior to the moron. I began to see that by my astonishing growth I had made them shrink and emphasized their inadequacies.’ (p.74)
[meu grifo]

O que nos interessa nesse trecho é a palavra “*moron*” e o seu sentido neste contexto. As duas acepções registradas no *Longman dictionary of contemporary English* para “definir” a palavra “*moron*” são: “1 *informal not polite* a very offensive word for someone who you think is very stupid; 2 *technical old-fashioned* someone whose intelligence has not developed to the normal level.” (2003, p.1069). As acepções indicam que a palavra carrega um sentido pejorativo, embora no passado já tenha sido utilizada como termo técnico – tal como aconteceu no português do Brasil com as palavras “cretino”, “idiota” e “imbecil”, que passaram de classificação psiquiátrica a ofensas – constatações que podem ser observadas nos próprios dicionários da língua portuguesa como Houaiss (2007) e Aurélio (2004). Considerando a época em que o romance foi escrito, ao fazer uma palavra com duplo sentido soar na voz do protagonista, Keyes chama a atenção para a maneira como o uso de um termo técnico, científico, pode ser usado para marcar e separar alguém de um grupo.

A opção por traduzir seguindo uma ética que vise a atender ao “cuidado com as palavras” levaria o tradutor a escolher um termo que amenizasse o sentido pejorativo que a primeira acepção de “*moron*” apresenta. Assim, uma tradução que poderia ser considerada “politicamente correta” seria:

‘Estava tudo bem desde que eles pudessem rir de mim e parecessem espertos às minhas custas, mas agora eles estavam se sentindo inferiores ao deficiente mental.

Comecei a perceber que, pelo meu crescimento assombroso, tinha feito com que eles encolhessem e enfatizado suas imperfeições.’

No entanto, essa tradução acaba por mostrar outra face da moeda do politicamente correto: uma ideologia que aparentemente respeita o oprimido, mas nega no discurso aquilo que é construído na realidade, substituindo o ser pelo dever ser. Se nesse trecho o que chama a atenção é a crítica ao modo como era visto e tratado o personagem por seus colegas de trabalho, uma tradução que ressalte tal crítica, mas que descarta a visada ética do politicamente correto poderia ser:

‘Estava tudo bem desde que eles pudessem rir de mim e parecessem espertos as minhas custas, mas agora eles estavam se sentindo inferiores ao retardado. Comecei a perceber que, pelo meu crescimento assombroso, tinha feito com que eles encolhessem e enfatizado suas imperfeições.’

O adjetivo “retardado” tem o sentido de algo que foi “adiado”, “delongado” e se refere a um “indivíduo cujo desenvolvimento mental está aquém do índice normal para sua idade” (HOUAISS, 2007). Além disso, o termo é considerado pejorativo ao referir-se a uma pessoa. Contudo, se o personagem tornou-se capaz de *intus-legere-actionem*, ação de compreender dentro, de escolher, recolher (como diz a etimologia de inteligência), pode agora também ser capaz de jogar com as palavras para exprimir a ironia da situação, o que leva o tradutor a performar uma denúncia ao modo de se referir a um deficiente intelectual pelo próprio modo de dizer.

6. Considerações finais

Este exercício de reflexões sobre a tradução de erros linguísticos e a ética da tradução fez com que fosse possível perceber, no âmbito da prática da tradução, que é preciso lidar constantemente com arranjos e jogos de palavras e, conseqüentemente, com um constante jogo de poder, ao qual me refiro como aquele que se manifesta no discurso e é o próprio discurso, aquilo pelo qual se luta, “o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2009, p. 10). Isso nos mostra que a tradução, portanto, *não é* uma tarefa passível de neutralidade, uma vez que necessariamente é

realizada por um sujeito atravessado por línguas e culturas. Nas palavras de Berman, “a tradução é sempre bem mais que a tradução” (2002, p. 328).

Também foi possível perceber que, por mais que se prometa a fidelidade na tradução, sempre se corre o risco de cometer o perjúrio, pois não há como saber ao certo se ela foi cumprida ao final. O próprio caráter da tradução – de abertura, de descentralização – torna possível a existência de mais de uma tradução, mais ou menos adequada, sem que nunca possa ter lugar aquela que seria a *tradução verdadeira*. Essa promessa que não se cumpre tornaria um texto traduzível e intraduzível ao mesmo tempo. Diante do intraduzível – eis a questão ética – é preciso continuar a traduzir.

REFERÊNCIAS

- ARROJO, R. **Tradução, Desconstrução e Psicanálise**. Imago: Rio de Janeiro, 1993. 212p.
- AVELAR, I. As origens da expressão “politicamente correto”. **Revista Fórum**, São Paulo, n. 96, 2011. Disponível em: <<http://revistaforum.com.br/idelberavelar/2011/04/04/as-origens-da-expressao-%E2%80%9Cpoliticamente-correto%E2%80%9D/>>. Acesso em: 2 jul. 2011.
- BARONAS, R. L. Imagens distorcidas de língua na mídia. **ClickCiência**, São Carlos, n. 13, 2009. Disponível em: <http://www.clickciencia.ufscar.br/portal/edicao13/colunista_roberto.php>. Acesso em: 29 jul. 2011.
- BERMAN, A. **A prova do estrangeiro**: cultura e tradução na Alemanha romântica: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin. Tradução de M. E. P. Chanut. Edusc: Bauru, 2002. 356p.
- BORGES, S. A psicanálise na alfabetização. **Revista ACOALFAplp**: Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua portuguesa, São Paulo, ano 5, n. 9, 2010/ 2011. Disponível em: <<http://www.acoalfaplp.net>>. Acesso em: 25 jul.2011.
- DERRIDA, J. **Mesa-redonda sobre tradução** (fragmento). Trad. Inédita de O. N. dos Santos e P. Ottoni. 1985.
- FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Positivo: Curitiba, 3a. ed., 2004. 2122p.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 19ª ed. Tradução de L. F. de A. Sampaio. Loyola: São Paulo, 2009, 82p.
- HILL, C. **A History of Daniel Keyes’ Flowers for Algernon**. History of the Book. 2004. Disponível em: <<http://web.archive.org/web>>

[/20070221170959/http://www.slais.ubc.ca/PEOPLE/students/student-projects/C_Hill/hill_libr548f.pdf](http://20070221170959/http://www.slais.ubc.ca/PEOPLE/students/student-projects/C_Hill/hill_libr548f.pdf) > Acesso em 03 jul. 2011.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

KEYES, D. **Algernon, Charlie, and I: a writer's journey**. Harcourt: Orlando, 2004. 228p.

_____. **Flowers for Algernon**. Bantam Books: Nova Iorque, 4a. ed., 1975. 222p.

LEFEVERE, A. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária**. Tradução de C. M. Seligmann. Edusc: Bauru, 2007. 264p.

LIND, B. **The origins of political correctness**. Washington: Accuracy in Academia, 2000. Sítio eletrônico com artigos e resenhas acadêmicas do grupo de pesquisa AIA. Disponível em: <<http://www.academia.org/the-origins-of-political-correctness/>>. Acesso em: 2 jul. 2011.

MELLÃO NETO, J. Contra o “politicamente correto”! **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 22 abr. 2011. Opinião. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/estadao/dehoje/20110422/not_imp709520,0.php>. Acesso em: 3 jul. 2011.

QUEIROZ, A. C. **Politicamente correto e direitos humanos**. Brasília: SEDH, 2004. 88p.

RAJAGOPALAN, K. **A nova pragmática: fases e feições de um fazer**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. 296p.

_____. Traição versus transgressão: reflexões acerca da tradução e pós-modernidade. **Alfa**. São Paulo, v.44, n.esp., p.123-130, 2000.

SUMMERS, D. (dir.) **Longman dictionary of contemporary English**. Essex: Pearson Education, 2003.

VENUTI, L. **Escândalos da tradução: por uma ética da diferença**. Trad. de L. Pelegrin, L. M. Villela, M. D. Esqueda, V. Bicudo. Bauru: EDUSC, 2002.

_____. **The Translator's Invisibility: A History of Translation**. Routledge: Londres, 1995. 358p.

ZORZI, J. L.; CIASCA, S. M. Caracterização dos erros ortográficos em crianças com transtornos de aprendizagem, **Rev. CEFAC**, São Paulo, v.10, n.3, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-18462008000300007&script=sci_arttext>. Acesso em: 30 jun. 2011.